

Manuaw da lligwa brazileyra  
para luzófonus

Cao Bittencourt



# 1    Îtrodusã

# 1 Introdução

## 2 Awfabétu

Comesemus pelu mays bázicu, u awfabétu:

Tabela 1: Awfabétu brazileyru

Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff
[a]	[be]	[ka]	[de]	[e]	[ɛfi]
Gg	Hh	Ii	Yy	Jj	Ll
[ga]	[ɛhi]	[i]	[kwazi i]	[ʒɔta]	[ɛʌi]
Mm	Nn	Oo	Tt	Pp	Rr
[emi]	[eni]	[o]	[te]	[pe]	[ɛri]
Ss	Uu	Ww	Vv	Xx	Zz
[ɛsi]	[u]	[kwazi u]	[ve]	[ʃis]	[ze]

Coŵfóhrmi as tabélas, u novu awfabétu brazileyru (ä escehrda) teŷ vītxi i cwatru letras, ĩcwātu u ātxigu awfabétu pohrtugeys-brazileyru (ä djireyta) teŷ vītxi i seys. As letras hemovidas foraw u “k” i u “q”,

## 2 Alfabeto

Comecemos pelo mais básico, o alfabeto:

Tabela 1: Alfabeto português-brasileiro

---

Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff	Gg
[a]	[be]	[se]	[de]	[e]	[ɛfi]	[ʒe]
Hh	Ii	Jj	Kk	Ll	Mm	Nn
[ag'a]	[i]	[ʒota]	[ka]	[]	[Mm]	[Nn]
Oo	Pp	Qq	Rr	Ss	Tt	Uu
Oo	Pp	Qq	Rr	Ss	Tt	Uu
Vv	Ww	Xx	Yy	Zz		
Vv	Ww	Xx	Yy	Zz		

---

Conforme as tabelas, o novo alfabeto brasileiro (à esquerda) tem vinte e quatro letras, enquanto o antigo alfabeto português-brasileiro (à direita) tem vinte e seis. As letras removidas foram o “k” e o “q”, porque

pohrce saŵ hedūdātxis. Dji fatu, a primeyra délas ja éra até na ātxigwidadji clásica critxicada pelus gramátxicus homànus, ci axawaŵ-na desnesesarya. A letra “q”, pohr sua veys, foy uma ìveÿsàŵ desis mesmus gramátxicus para djifereÿsiahr u soŵ du “u” vogaw i du “u” semivogaw (cf. as palavras *qui* i *cui*). Nós, nu eÿtātu, naŵ temus pohr ce fazehr ésa djistīsàŵ, poys a nóa llīgwa teÿ mays semivogays du ci u Latxī i, alèÿ djisu, mellyóris métodos para espplisitá-las (vehr adjiaŵtxi). Asī seÿdu, hemovemus du awfabétu acéla letra, despezada pelus homànus, i, ironicamenteÿtxi tábèÿ ésa, ci ìveÿtaraŵ.

Naŵ á nóvas letras nu awfabétu, porèÿ muÿtas das ci pehrmaneseraŵ pasaŵ a tehr nóvas fūsoÿs; i, mays ìpohrtātxi, uma única fūsàŵ para cada. A letra “c”, pohr ezeÿplu, para coŵtxinuahr a djiscusàŵ asima, teÿ agóra seÿpri u soŵ dji “k”, nūca dji “s”; na vehrdadji, foy até henomiada para “Ca” [ka], a fī dji deyxahr isu mays claru. Pelu mesmu motxivu, u “Se-sidjillya”, “ç”, é subistxituidu pohr “s”. I, coŵ isu, acaba-si a ābigwidadji eÿtri as coŵsoātxis ocluziva velahr suhrda [k] i a fricatxiva awveolahr suhrda [s].

Analogameÿtxi, a letra “g” heprezeÿta apenas a coŵsoātxi ocluziva velahr sonóra [g] i, comu u “c”, foy

são redundantes. De fato, a primeira delas já era até na antiguidade clássica criticada pelos gramáticos romanos, que achavam-na desnecessária. A letra “q”, por sua vez, foi uma invenção desses mesmos gramáticos para diferenciar o som do “u” vogal e do “u” semivogal (cf. as palavras *qui* e *cui*). Nós, no entanto, não temos por que fazer essa distinção, pois a nossa língua tem mais semivogais do que o latim e, além disso, melhores métodos para explicitá-las (ver adiante). Assim sendo, removemos do alfabeto aquela letra, desprezada pelos romanos, e, ironicamente, também essa, que inventaram.

Não há novas letras no alfabeto, porém muitas das que permaneceram passam a ter novas funções; e, mais importante, uma única função para cada. A letra “c”, por exemplo, para continuar a discussão acima, tem agora sempre o som de “k”, nunca de “s”; na verdade, foi até renomeada para “Cá” [ka], a fim de deixar isso mais claro. Pelo mesmo motivo, o “Cê-cedilha”, “ç”, é substituído por “s”. E, com isso, acaba-se a ambiguidade entre as consoantes oclusiva velar surda [k] e a fricativa alveolar surda [s].

Analogamente, a letra “g” representa apenas a consoante oclusiva velar sonora [g] e, como o “c”, foi re-



henomiada para “Ga” [ga], uma veys ci u nomi “Je” [ʒe], durãtxi séculus, éra pronũsiadu coŵ a fricatxiva pós-awveolahr sonóra [ʒ] (i.e. o soŵ da letra “j” eỹ Pohrtugeys). Asî, pohr ezeỹplu, a palavra “garagem”, ãtxis iscrita coŵ doys “g”, é, agóra espllisitameỹtxi, “garajeỹ”.

Segĩdu a óhrdeỹ awfabétxica, u ãtxigu “Agá”, “h”, deysa dji sehr uma letra maw utxillizada, eseỹsiawmeỹtxi inútxiw, i pasa a tehr u soŵ fricatxivu glotaw suhrdu [h], ow “Éhi” guturaw, comu é nus demays idjionas da Ewrópa (e.g. nas palavras *home*, *heim* i *hjem*, ow seja, “lahr” eỹ Igleys, Alemãw i Noruegeys, hespectxivameỹtxi). Isu significa ci u “r” é hezehrvadu para u tépi awveolahr [r] (e.g. eỹ “para”); i todas as palavras ci comesavaŵ coŵ “r”, comésaŵ coŵ “h”; i, pela mesma via, acélas ci txiãw doys “r”, iscrévi-si tâbèỹ coŵ “h”. Pohr fĩ, hemóvi-si todus us “h” mudus (e.g. “oji”); i, comu nas owtras letras, henomeya-si u “Agá” para “Éhi” [ehi] i u “Éhi” para “Éri” [eri], sinalizãdu suas nóvas fũsoỹs.

Aw coŵtraryu das suprasitadas llĩgwas jehrmànicas, eỹtretãtu, u “j” coŵséhrva a pronũsya ci hesebemus dus frãsezis, naŵ seỹdu utxillizadu para u soŵ dji “i” semivogaw (comu vimus eỹ *hjem*, asima). Esi soŵ,

nomeada para “Gá” [ga], uma vez que o nome “Gê” [ʒe], durante séculos, era pronunciado com a fricativa pós-alveolar sonora [ʒ] (i.e. o som da letra “j” em português). Assim, por exemplo, a palavra “garagem”, antes escrita com dois “g”, é, agora explicitamente, “garájeỹ”.

Seguindo a ordem alfabética, o antigo “Agá”, “h”, deixa de ser uma letra mal utilizada, essencialmente inútil, e passa a ter o som fricativo glotal surdo [h], ou “Erre” gutural, como é nos demais idiomas da Europa (e.g. nas palavras *home*, *heim* e *hjem*, ou seja, “lar” em inglês, alemão e norueguês, respectivamente). Isso significa que o “r” é reservado para o tepe alveolar [r] (e.g. em “para”); e todas as palavras que começavam com “r”, começam com “h”; e, pela mesma via, aquelas que tinham dois “r”, escreve-se também com “h”. Por fim, remove-se todos os “h” mudos (e.g. “hoje”); e, como nas outras letras, renomeia-se o “Agá” para “Erre” [ɛhi] e o “Erre” para “Eri” [ɛri], sinalizando suas novas funções.

Ao contrário das supracitadas línguas germânicas, entretanto, o “j” conserva a pronúncia que recebemos dos franceses, não sendo utilizado para o som de “i” semivogal (como vimos em *hjem*, acima). Esse som, cujo

cuju fonema denóta-si pohr [j] pehrteỹsi aw “y”, ci, dji maneyra análoga aw “h”, átxis sub’utxillizadu, é agóra uma letra muỹtu ãpohrtátxi, teỹdu eỹ vista ci u Brazileyrú é ù idjioma replétu dji semivogays.

Así, pohrtátu, a ãdjicasàw das letras semivogays naỹ é neỹ negllijeỹsiada, comu vĩa seỹdu deysdji u Acohrdu Ohrtografícu dji 1990, taỹpowcu si dá pelu átxicwadu “Trema”. Eỹ coỹtrapozisàw, a nóva llígwa brazileyra dezigna letras espesíficas para esi fĩ, cways sejaỹ, u “y”, xamadu “Cwazi-i”, i u “w”, ow “Cwazi-u”. Naỹ é nesesaryu mays letras du ci ésas, pohrce apenas u “i” i u “u” saỹ semivogays, ãcwātu u “a”, u “e” i u “o” saỹ seỹpri vogays (i.e. élas “cébraỹ” a sílaba i naỹ aglutxinaỹ-si eỹ djitoỹgus i tritoỹgus).

Alèỹ djisu, u “y” i u “w” saỹ frecweỹtximeỹtxi aseỹtuadus coỹ u aseỹtu nazaw, “~”, i subistxitueỹ u “n” i u “m” pós-vocállicus; isu pohrce uma característxica djistxĩtxiva du Brazileyrú é ci vogays segidas dji “n” i “m” (coỹ uma coỹsoãtxi depoy) seỹpri produzeỹ ù soỹ semivocállicu heziduaw, ci naỹ é pehrfeytameỹtxi capturadu pohr ésas duas coỹsoãtxis, mas sĩ pohr acélas semivogays nazallizadas (viz. “ỹ”, “w”):  
[ezeỹplus]

Eỹ pratxicameỹtxi todus us owtrus idjioamas is-

fonema denota-se por [j], pertence ao “y”, que, de maneira análoga ao “h”, antes subutilizado, é agora uma letra muito importante, tendo em vista que o brasileiro é um idioma repleto de semivogais.

Assim, portanto, a indicação das letras semivogais não é nem negligenciada, como vinha sendo desde o Acordo Ortográfico de 1990, tampouco se dá pelo antiquado “Trema”. Em contraposição, a nova língua brasileira designa letras específicas para esse fim, quais sejam, o “y”, chamado “Quasi-i”, e o “w”, ou “Quasi-u”. Não é necessário mais letras do que essas, porque apenas o “i” e o “u” são semivogais, enquanto o “a”, o “e” e o “o” são sempre vogais (i.e. elas “quebram” a sílaba e não aglutinam-se em ditongos e tritongos).

Além disso, o “y” e o “w” são frequentemente acentuados com o acento nasal, “~”, e substituem o “n” e o “m” pós-vocálicos; isso porque uma característica distintiva do brasileiro é que vogais seguidas de “n” e “m” (com uma consoante depois) sempre produzem um som semivocálico residual, que não é perfeitamente capturado por essas duas consoantes, mas sim por aquelas semivogais nasalizadas (viz. “ỹ”, “w̃”):

[exemplos]

Em praticamente todos os outros idiomas escritos

critus coŵ u awfabétu latxinu, porèy, ésa “semivogaw heziduaw” naŵ acoŵtési, eýtaw é cohétu utxilizarey u “n” i u “m” pós-vocállicus (e.g. [ezeýplus]). Mas, comu u nós u objetxivu é ci u *Brazileyru* seja coŵsisteýtxi, devamus subistxituí-lus pohr semivogays nazallizadas.

Finawmeytxi, as duas úwtximas letras, “x” i “z” heprezeýtaŵ, cada, ũ únicu soŵ i naŵ mays si coŵfúdey eýtri si ney coŵ u “s”, “c”, etc. Espesificameýtxi, u “x” teý, agóra, seýpri u soŵ da fricatxiva pós-awveolahr suhrda [ʃ] (ãtxigu “ch”). Ja u fonema [z] é grafadu pelu “z”, ãcluzivi nas palavras coŵ “s” ãtehrvocállicu (e.g. “caza”); i naŵ á mays “z” nu finaw dji neýuma palavra. Desi módu, todas as letras nu awfabétu teý sua própria füsàŵ.

### 3 Vogays

Comu aludjidu asima, as vogays na llígwa brazileyra saŵ “a”, “e”, “i”, “o”, “u”; i as semivogays, “y” i “w” (“Cwazi-i” i “Cwazi-u”). As vogays fóhrmaŵ iatus si adjijaseýtxis, mas as semivogays aglutxinaŵ-si.

Pohr ezeýplu,

com o alfabeto latino, porém, essa “semivogal residual” não acontece, então é correto utilizarem o “n” e o “m” pós-vocálicos (e.g. [exemplos]). Mas, como o nosso objetivo é que o *brasileiro* seja consistente, devemos substituí-los por semivogais nasalizadas.

Finalmente, as duas últimas letras, “x” e “z” representam, cada, um único som e não mais se confundem entre si nem com o “s”, “c”, etc. Especificamente, o “x” tem, agora, sempre o som da fricativa pós-alveolar surda [ʃ] (antigo “ch”). Já o fonema [z] é grafado pelo “z”, inclusive nas palavras com “s” intervocálico (e.g. “casa”); e não há mais “z” no final de nenhuma palavra. Desse modo, todas as letras no alfabeto têm sua própria função.

### 3 Vogais

Como aludido acima, as vogais na língua brasileira são “a”, “e”, “i”, “o”, “u”; e as semivogais, “y” e “w” (“Quasi-i” e “Quasi-u”). As vogais formam hiátos se adjacentes, mas as semivogais aglutinam-se.

Por exemplo,  
[exemplos]

[ezeỹplus]

Ademays, pohrce vizàmus a coõsisteỹsya fonétxica (i.e. ci si iscreva comu si djis), presizàmus djistĩgwih naỹ só eỹtri vogays i semivogays, mas aĩda eỹtri as agudas, gravis i nazays. Denotá-las espllisitameỹtxi eziĩjiria ow uma letra para cada soỹ (comu é nu Aw-fabétu Fonétxicu Ĩtehrnasyonaw) ow awgũ sistema dji aseỹtuasàỹ. A primeyra opsàỹ naỹ é neỹ ã powcu prátxica; a segũda, nu eỹtātu, tãbèỹ pódji tohrnahr-si traballyósa si naỹ ĩplemeỹtada djireytu.

Eỹ pahrtxiculahr, para evitahr esesivus aseỹtus, devamus coõveỹsyonahr uma “pronũsya padràỹ” para cada vogaw (viz. a mays freqweỹtxi), i ĩdjicahr coõ aseỹtus apenas cwãdu a pronũsya fohr djifereỹtxi.

A tabéla abayxu defini a pronũsya padràỹ das vogays i semivogays brazileyras:

Tabela 2: Pronũsya padràỹ

Letra	Pronũsya padràỹ	Ezeỹplu	IPA
Aa	Agudu	dsds	[dsds]
Ee	Gravi	dsds	[dsds]

Continued on next page

[usar o termo “encontros vocálicos”]

vogal + y

vogal + w

y + vogal

w + vogal

y + vogal + w

y + vogal + y

w + vogal + w

w + vogal + y

Ademais, porque visamos a consistência fonética (i.e. que se escreva como se diz), precisamos distinguir não só entre vogais e semivogais, mas ainda entre as agudas, graves e nasais. Denotá-las explicitamente exigiria ou uma letra para cada som (como é no Alfabeto Fonético Internacional) ou algum sistema de acentuação. A primeira opção não seria nem um pouco prática; a segunda, no entanto, também pode tornar-se trabalhosa se não implementada direito.

Em particular, para evitar excessivos acentos, devemos convencionar uma “pronúncia padrão” para cada vogal (viz. a mais frequente), e indicar com acentos apenas quando a pronúncia for diferente.

A tabela abaixo define a pronúncia padrão das vogais e semivogais brasileiras:



Tabela 2: Pronũsya padrãw (Continued)

Letra	Pronũsya padrãw	Ezeỹplu	IPA
Ii	Agudu	dsds	[dsds]
Oo	Gravi	dsds	[dsds]
Uu	Agudu	dsds	[dsds]
Yy	Agudu	dsds	[dsds]
Ww	Agudu	dsds	[dsds]

Comu pódji-si pehrsebehr, us fonemas vocállicus saw us mesmus du Pohrtugeys tradjisyonaw. Eỹtãw, nesi seỹtxidu, esetuãdu a adjisãw das semivogays, naw á nada dji novu. As pronũsyas awtehrnatxivas, porẽy, naw saw as mesmas, coỹcwãtu sejaw mays acuradas du ci nu Pohrtugeys. Esplicemo-las na segĩtxi sesãw.

### 3.1 Aseỹtus

Para eỹteỹdehr as pronũsyas awtehrnatxivas das vogays i semivogays brazileyras, coỹvẽy definihrmus, primeyru, us aseỹtus ci as ãdjicaw:

Tabela 2: Pronúncia padrão

Letra	Pronúncia padrão	Exemplo	IPA
Aa	Agudo	dsds	[dsds]
Ee	Grave	dsds	[dsds]
Ii	Agudo	dsds	[dsds]
Oo	Grave	dsds	[dsds]
Uu	Agudo	dsds	[dsds]
Yy	Agudo	dsds	[dsds]
Ww	Agudo	dsds	[dsds]

Como pode-se perceber, os fonemas vocálicos são os mesmos do português tradicional. Então, nesse sentido, excetuando a adição das semivogais, não há nada de novo. As pronúncias alternativas, porém, não são as mesmas, conquanto sejam mais acuradas do que no português. Expliquemo-las na seguinte seção.

### 3.1 Acentos

Para entender as pronúncias alternativas das vogais e semivogais brasileiras, convém definirmos, primeiro, os

Tabela 3: Aseýtus da llígwa brazileyra

Aseýtu	Nomi	Ezeýplu
´	Aseýtu agudu	dsds
`	Aseýtu gravi	dsds
~	Aseýtu nazaw	dsds
^	Aseýtu nazaw fóhrtxi	dsds
..	Aseýtu duplu (crazi)	dsds

acentos que as indicam:

Tabela 3: Acentos da língua brasileira

Acento	Nome	Exemplo
´	Acento agudo	dsds
`	Acento grave	dsds
˜	Acento nasal	dsds
ˆ	Acento nasal forte	dsds
¨	Acento duplo (crase)	dsds

As funções dos acentos na Tabela 3 são variadas. Mas, de maneira geral, servem para: 1) explicitar quando a pronúncia não é a padrão; 2) indicar a sílaba tônica quando não for autoevidente; 3) diferenciar palavras homófonas<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>Sendo muito simples a função de diferenciar palavras de mesmo som, opta-se por não explicá-la em detalhes, para não interromper o fluxo deste texto. Porém, a título de exemplo, compare-se o verbo “há” (agora escrito “á”) e o artigo ou a preposição “a”. Fica claro, aqui, que o acento é o único meio de diferenciar essas homófonas.

### 3.2 Eỹcoũtrus vocállicus

### 3.3 Ley da gravidadji vocállica

### 3.4 Hégras dji aseỹtuasàũ

## 4 Djígrafus

Tabela 4: Djígrafus

Ãtxiga Grafia	Nóva Grafia	Ezeỹplu
nh	ỹ, ã, î <sup>1</sup>	
lh	lly, lli <sup>1</sup>	
ss	s	
sc	s	
sç	s	
xs	s	
xc	s	
ch	x	
rr	h	

Continued on next page

### 3.1.1 Altura e acentuação

A primeira dessas funções é realizada por todos os acentos, exceto a crase. Assim, então, quando o acento é agudo, a pronúncia é aguda, mesmo que a pronúncia padrão da vogal em questão seja grave; e inversamente se o acento for grave.

O acento nasal também serve para indicar uma pronúncia alternativa. Entretanto, nisso difere bastante do que era antes. Na língua brasileira, o acento “~”, não mais chamado “Til”, faz com que a vogal seja pronunciada como seria se fosse seguida de “n” ou “m”, porém de uma maneira inteiramente vocálica, “torcendo” o som com o nariz, sem a obstrução física que caracteriza as consoantes. Isto é, não trata-se de uma vogal “tendendo” ao “n” ou “m”, como é no espanhol ou no italiano, por exemplo, mas daquele som nasal *não consonantal*, que é marca do português brasileiro.

Acrescenta-se, ainda, que uma vogal nasalizada pode ser tanto aguda quanto grave (cf. *adelante* em espanhol e “adiante” em português). Em teoria, isso requeriria acentos mais específicos, porém, convenientemente, a pronúncia aguda ou grave nas vogais

Tabela 4: Djígrafus (Continued)

Ātxiga Grafia	Nóva Grafia	Ezeỹplu
qu	cw, c	cwallidadji, ceyju
gu	gw, g	agweỹta, géha
r pós-vocálicu <sup>2</sup>	hr	
di	dji	
ti	txi	
li	lli, lly	

<sup>1</sup> Depeỹdeỹdu si u “i” fohr semivogaw ow naŵ.

<sup>2</sup> Istu é, u “r” segidu dji vogaw i coŵsoãtxi.

## 5 Ezeỹplus

nasalizadas é consistente na língua brasileira: o “a” nasal é sempre grave; o “i” e o “y” nasais são sempre agudos; idem o “u” e o “w” nasais.

Já o “e” e o “o” nunca são nasalizados diretamente, porque o som que produziriam, de acordo com a nova definição do acento nasal, não ocorre no português brasileiro. Dito isso, se forem seguidos de “n” ou “m”, passam a acompanhar “ỹ” e “w̃” (de novo, por causa da semivogal residual implícita nesses dígrafos).

Por fim, sendo evidente que as vogais “a”, “e” e “o”, seguidas de semivogal nasalizada são sempre graves (e.g. os dígrafos “ão”, “em” e “om” em português), convencionou-se, para diminuir a quantidade de acentos, que nelas o “ˆ” não se faz necessário.

### **3.1.2 Tonicidade e acentuação**

Tendo entendido isso, podemos seguir com a segunda função dos acentos, qual seja, a de indicar a sílaba tônica. Aqui, de novo, não difere-se muito do português tradicional.

Temos na língua brasileira apenas palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, cujas sílabas tônicas são, respectivamente, a última, a penúltima e





a antepenúltima.

Dentre essas as mais frequentes são as paroxítonas. E, assim sendo, convencionou-se, tudo o mais constante, que toda palavra de mais de uma sílaba seja paroxítona e não necessita de acento.

Já as proparoxítonas são, de longe, as mais raras e, por esse motivo, permanecem sempre acentuadas.

As oxítonas, por sua vez, são relativamente comuns, mas nem sempre requerem acento. Isso porque há alguns padrões consistentes em nossa língua, que nos permitem identificá-las.

Desse modo, se não indicado explicitamente, são oxítonas (e não acentuadas) todas as palavras terminadas em: “hr”, “e”, “o”, “y”, “w”, “oỹ”, “oũ” (e, igualmente, os plurais, acrescidos de “s” no final).

O último tópico no âmbito da tonicidade refere-se à “hierarquia” dos acentos, que é o método com que se identifica a sílaba tônica em palavras que têm múltiplos diacríticos.

Mais uma vez, a regra é bem simples: o acento nasal forte é a sílaba tônica sempre que aparecer em uma palavra; depois, o acento mais forte é o agudo; e, depois, o grave. O acento nasal (fraco), embora possa coincidir com a penúltima sílaba em paroxítonas, não



é, por si só, tônico. E, analogamente, a crase é um diacrítico átono, pois somente consiste na junção de um “a” preposição com um “a” artigo<sup>2</sup>, e não modifica nem a pronúncia nem a tonicidade do “a” que acentua.

## 3.2 Resumo dos fonemas vocálicos

Agora que explicamos a pronúncia de todas as vogais e semivogais brasileiras, podemos resumi-las em uma única tabela:

Tabela 4: Vogais e semivogais da língua brasileira

Letra	Exemplo	IPA
Aa	dsds	[dsds]
Áá	dsds	[dsds]
Àà	dsds	[dsds]
Ãã	dsds	[dsds]

Continued on next page

---

<sup>2</sup>Motivo pelo qual é grafada com “””, sendo também, alternativamente substituída por dois “a”, se o dispositivo em que se estiver escrevendo não disponibilizar o “acento duplo”.



Tabela 4: Vogais e semivogais da língua brasileira  
(Continued)

Letra	Exemplo	IPA
Ââ	dsds	[dsds]
Ee	dsds	[dsds]
Éé	dsds	[dsds]
Èè	dsds	[dsds]
Ii	dsds	[dsds]
Íí	dsds	[dsds]
Ĩĩ	dsds	[dsds]
Îî	dsds	[dsds]
Oo	dsds	[dsds]
Óó	dsds	[dsds]
Òò	dsds	[dsds]
Uu	dsds	[dsds]
Úú	dsds	[dsds]
Ûũ	dsds	[dsds]

Continued on next page



Tabela 4: Vogais e semivogais da língua brasileira  
(Continued)

Letra	Exemplo	IPA
Êê	dsds	[dsds]
Yy	dsds	[dsds]
Ỹỹ	dsds	[dsds]
Ww	dsds	[dsds]
Ẃẃ	dsds	[dsds]

## 4 Dígrafos

E, enfim, após a apresentação das vogais, só resta tratar brevemente dos dígrafos consonantais:

Tabela 5: Dígrafos

Antiga Grafia	Nova Grafia	IPA	Exemplo
nh	ỹ, ã, î <sup>1</sup>	[j̃]	
lh	lly, lli <sup>1</sup>	[ʔ]	

Continued on next page





Tabela 5: Dígrafos (Continued)

Antiga Grafia	Nova Grafia	IPA	Exemplo
ss	s	[s]	
sc	s	[s]	
sç	s	[s]	
xs	s	[s]	
xc	s	[s]	
ch	x	[ʃ]	
rr	h	[h]	
qu	cw	[kw]	qualidade
qu	c	[k]	queijo
gu	gw	[gw]	aguenta
gu	g	[g]	guerra
r pós-vocálico <sup>2</sup>	hr	[ʁ], [r], [ʁ] <sup>3</sup>	restaurador
di	dji	[dʒi]	
ti	txi	[tʃi]	
li	lli, lly	[ʔi]	

<sup>1</sup> Dependendo se o “i” for semivogal ou não.

<sup>2</sup> Isto é, o “r” seguido de vogal e consoante.



Ademais, todos os dígrafos vocálicos (viz. vogal seguida de “n” ou “m”) foram substituídos por vogais nasalizadas, ou vogais seguidas de “ỹ” ou “w̃”, quando resultam em semivogal residual, como explicado no capítulo anterior.

## 5 Exemplos

[pseudo-conclusão]

Concluimos esse manual com alguns exemplos.

## 6 Hezumu

## 7 Hefereĩsyas